Florian Rouanet

Fascismo-Clerical

O apoio de figuras clericais ao Fascismo Italiano

Florian Rouanet

Fascismo-Clerical

O apoio de figuras clericais ao Fascismo Italiano

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

Alguns pontos de referência para a leitura de 9 figuras em questão.....5
Monsenhor Umberto Benigni (1862-1934) – o integralista e intercessor oficioso.....6
Padre Pio de Pietrelcina (1887-1968) – religiosidade popular e reflexos de ordem.....9
Padre Pietro Tacchi Venturi S.J. (1861-1956) – “o homem de preto”.....12
Padre Agostino Gemelli O.F.M. (1878-1959) – o franciscano-reitor.....15
Dom Tullio Calcagno (1899-1945) – o “padre da RSI”.....18
Dom Alfredo Ildefonso Schuster O.S.B. (1880-1954) – o abade que se tornou cardeal.....20
Dom Enrico Pucci (1884-1962) – o chefe da imprensa vaticana sob vigilância.....22
Giovanni Preziosi (1881-1945) – do sacerdócio ao racismo de Estado.....24
Don Guicciardo Sassoli de Bianchi Strozzi (ativo 1919-1928) – o empreendedor de Fede e Ragione
..... 26
Mons.Angelo Bartolomasi, Arcebispo Militar.....28
Padre Eusébio..... 29
Conclusão..... 32

Eis figuras eclesiásticas, sacerdotes que, durante o Ventennio fascista, se engajaram com zelo ao lado de Benito Mussolini, constituindo exemplos, entre os quais os conhecidos Monsenhor Benigni e Padre Pio, que eram mais do que simples "apoios críticos", especialmente nos anos de maior força do regime, entre 1923 e 1943.

Alguns pontos de referência para a leitura de 9 figuras em questão

Diversidade das motivações pessoais:

Alguns (Tacchi Venturi, Pucci) visaram estabelecer uma influência política, religiosa e pessoal; outros (Gemelli, Schuster) viram no fascismo um instrumento de reconquista católica da sociedade; outros ainda (Preziosi, Calcagno) chegaram a legitimar, validar ou elaborar um racismo de Estado.

Evoluções e retrações relativas:

O entusiasmo inicial, embora duradouro (1923 proibição da maçonaria, 1926 ditadura nacional, 1929 acordo de Latrão com Roma…), geralmente declinou após 1938 (leis raciais) ou ainda em 1943 (debanda, aliança “total” com Hitler). Permanece, portanto, um apoio público concedido ao regime no auge de seu poder (cerca de 1926-1936).

Fascismo-clerical ou clérico-fascismo:

A expressão designa um movimento de alianças entre militantes católicos pró-regime e o ideal fascista, muito mais ligados aqui, conciliando, assim, romanidade espiritual e romanidade cívica, defendendo ao mesmo tempo a ordem social e as prerrogativas da Igreja; sem jamais constituir uma “igreja fascista” estruturada.

Monsenhor Umberto Benigni (1862-1934) – o integralista e intercessor oficioso

Historiador da Igreja, **criador da rede antimodernista *Sodalitium Pianum*** (a "Sapinière") interna ao Vaticano, Benigni vê sua influência declinar sob Bento XV. Isolado e sem grande atividade, **aproxima-se dos Ministérios fascistas** a partir de 1923: a *Entente romaine de défense sociale*, que funda, milita por uma **simbiose entre Estado autoritário e combate católico de fé**.

A partir de 1927, diversos relatórios de arquivos mostram que ele entrega ao Ministério do Interior fichas oriundas de sua antiga rede, especialmente sobre padres considerados subversivos ou modernistas; a polícia política as anexa ao *Casellario Politico Centrale*. Sua adesão se explica pelo **corporativismo social**, mas ainda mais **pela esperança de ver Mussolini sufocar o liberalismo e a maçonaria**, inimigos jurados de seu "ultramontanismo", ou integralismo.

> "Se Vossa Eminência se dignar saber brevemente em que ponto se encontra a organização do meu 'serviço de informações', exporei em poucas palavras… O serviço já está organizado em Roma, na França, na Bélgica, na Suíça, na Rússia… Cada 'chefe de fila' conhece apenas os seus próprios homens; ninguém vislumbra o centro. Assim, nenhum elo rompido comprometerá o conjunto; cada elo é um nó isolado… Transmito aos chefes as 'palavras de ordem' para desmentir as calúnias anti-romanas e para dizer ou calar o que

for necessário, no interesse da Sé Apostólica e da Igreja.” — *Carta autógrafa de Monsenhor Umberto Benigni ao cardeal Rafael Merry del Val, 21 de junho de 1910, Fundo Benigni (Archivio Apostolico Vaticano), texto integral reproduzido em: Sodalitium, nº 74 especial, p. 13-15. (Sodalitium nº 74)*

“*Na luta contra o moder*nismo – traidor da Igreja – e contra o liberalismo, doutrinal e prático, cúmplice da Revolução, formava-se uma ‘aliança livre e fraterna dos amigos da Ordem Integral’.” — “*Promemoria sull’origine del Sodalitium Pianum*”, outono de 1909, Fundo Benigni; ibidem, p. 15-16. (*Sodalitium*)

“…não há nem cabeça nem cauda; é um grupo entre outros. Mas essa correspondência amistosa é muito útil na luta contra o inimigo comum. É por isso que, por um lado, nenhuma autorização hierárquica é necessária e, por outro, podemos corresponder-nos com grupos não católicos sem cair no interconfessionalismo que combatemos incansavelmente.” — Carta de Monsenhor Benigni ao cônego Robert Mäder (Basel), 29 de outubro de 1923, apresentando a *Intesa Romana di Difesa Sociale*; ibidem, p. 103. (*Sodalitium*)

“Há ‘amigos da ordem’, ‘conservadores’, que, sem saber, servem aos sectários… Outro equívoco: confundir a Seita com a mera Maçonaria, que dela é apenas a parte mais vulgar; nos dias de hoje, um anti-maçom não é por isso um contra-revolucionário.” — *Artigo anônimo (assinatura Redação), mas amplamente atribuído a Monsenhor Benigni, Fede e Ragione, 31 de dezembro de 1929, p. 6-7; ibidem, p. 91-92. (Sodalitium)*

“Que se desmonte a barraca Montessori… nada há de mais espiritualmente anti-fascista do que o método Montessori.” — *Relatório reservado do fiduciário 42 (Mons. Benigni) à Polícia Política (Ministério do Interior), 29 de outubro de 1932, Casellario Politico Centrale; texto citado ibidem, p. 142. (Sodalitium)*

Padre Pio de Pietrelcina (1887-1968) – religiosidade popular e reflexos de ordem

[1]

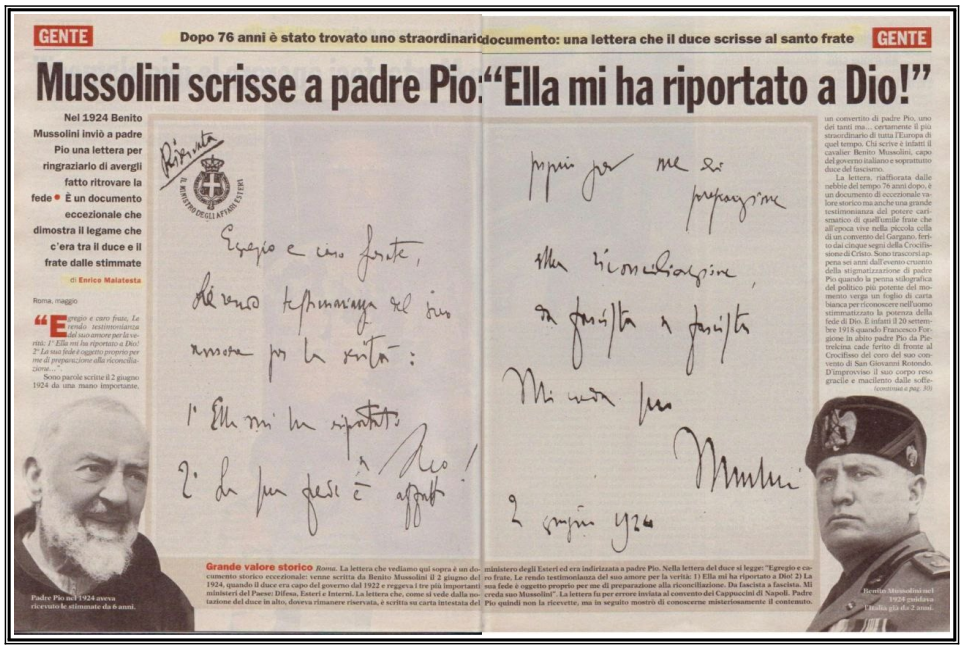
Estigmatizado e confessor procurado, o capuchinho não desempenhou um papel ultra-partidário engajado, senão **devoto**; contudo, no Gargano rural dos anos 1920, **abençoou as bandeiras de ex-combatentes afiliados aos *fasci d'ordine* e pedia a seus penitentes que "orassem pelo chefe do governo"**.

Essa atitude pastoral, **feita de obediência e submissão filial às autoridades constituídas, oferece aos quadros locais do P.N.F. um capital espiritual bem-vindo contra socialistas ateus, democratas e anarquistas.** Após 1930, suas posições políticas tornam-se raríssimas, mais recuadas; parece até pressentir — não sem tristeza — a derrota italiana a partir de 1940. Sua reputação fascistizante decorre, portanto, de

1 Esta fotografia foi tirada durante o verão de 1923, perto da entrada do convento de Santa Maria delle Grazie, na cidade de San Giovanni Rotondo, na Itália.
À extrema direita está o padre guardião, Ignazio de Jelsi. Ao seu lado encontra-se Michele Mondelli, presidente local da Associação dos Mutilados. Ao centro está Francesco Morcaldi, prefeito da vila (lista fascista-clerical de 1923 a 1927). Reconhece-se, obviamente, o santo Padre Pio ao seu lado. Em seguida vem o deputado fascista Ezio Maria Gray, secretário do *fascio* de Novare, em seu uniforme de tenente-geral da Milícia Voluntária para a Segurança Nacional: o uniforme esquadrista (braço armado do partido fascista).

um **entusiasmo apostólico fiel**, e não de estratégia ou militância política de sua própria iniciativa.

> “Durante a manifestação que ensanguentou a Piazza dei Martiri, os socialistas foram provocados pelo *Fascio d’ordine*, coalizão de católicos populares, ex-combatentes e políticos liberais. Pouco antes, em 15 de agosto, Padre Pio havia abençoado as bandeiras das associações de ex-soldados, selando assim — segundo o autor — ‘uma dinâmica de interesse nacional e de envergadura histórica: a luta sem misericórdia entre o reducionismo (*reducismo*) e o socialismo’.” — *S. Luzzatto, Padre Pio, Miracoli e politica nell’Italia del Novecento, a bênção das bandeiras de 15 de agosto de 1920, citado em La grande truffa di Padre Pio, artigo de síntese (Storia Universale)*



GENTE

Dopo 76 anni è stato trovato uno straordinario documento: una lettera che il duce scrisse al santo frate

GENTE

Mussolini scrisse a padre Pio: "Ella mi ha riportato a Dio!"

Nel 1924 Benito Mussolini inviò a padre Pio una lettera per ringraziarlo di avergli fatto ritrovare la fede • È un documento eccezionale che dimostra il legame che c'era tra il duce e il frate dalle stimmate

di Enrico Malatesta

Roma, maggio

"Egregio e caro frate, La veridica testimonianza del suo amore per la verità. 1° Ella mi ha riportato a Dio! 2° La sua fede è oggetto proprio per me di preparazione alla riconciliazione..."

Sono parole scritte il 2 giugno 1924 da una mano importante.

Padre Pio nel 1924 aveva ricevuto le stimmate da 6 anni.

Grande valore storico *Roma.* La lettera che vediamo qui sopra è un documento storico eccezionale: venne scritta da Benito Mussolini il 2 giugno del 1924, quando il duce era capo del governo dal 1922 e reggeva i tre più importanti ministeri del Paese: Difesa, Esteri e Interni. La lettera che, come si vede dalla motazione del duce in alto, doveva rimanere riservata, è scritta su carta intestata del ministero degli Esteri ed era indirizzata a padre Pio. Nella lettera del duce si legge: "Egregio e caro frate. Le rendo testimonianza del suo amore per la verità: 1) Ella mi ha riportato a Dio! 2) La sua fede è oggetto proprio per me di preparazione alla riconciliazione. Da fascista a fascista. Mi creda suo Mussolini". La lettera fu per errore inviata al convento dei Cappuccini di Napoli. Padre Pio quindi non la ricevette, ma in seguito mostrò di conoscerne misteriosamente il contenuto.

un convertito di padre Pio, uno dei tanti ma... certamente il più straordinario di tutta l'Europa di quel tempo. Chi scrive è infatti il cavalier Benito Mussolini, capo del governo italiano e soprattutto duce del fascismo.

La lettera, riaffiorata dalle nebbie del tempo 76 anni dopo, è un documento di eccezionale valore storico ma anche una grande testimonianza del potere carismatico di quell'umile frate che all'epoca vive nella piccola cella di un convento del Gargano, ferito dai cinque segni della Crocifissione di Cristo. Sono trascorsi appena sei anni dall'evento cruento della stigmatizzazione di padre Pio quando la penna stilografica del politico più potente del momento vergò un foglio di carta bianca per riconoscere nell'uomo stimmatizzato la potenza della fede di Dio. È infatti il 20 settembre 1918 quando Francesco Forgione in abito padre Pio da Pietrelcina cade ferito di fronte al Crocifisso del coro del suo convento di San Giovanni Rotondo. D'improvviso il suo corpo reso gracile e macilento dalle soffe-

(continua a pag. 30)

Benito Mussolini nel 1924 quando Padre Pio aveva già da 2 anni

Carta de Mussolini de 1924 a Padre Pio:

"Querido e amado irmão,

Testifico de seu amor pela verdade:

1 - Isso me trouxe de volta a Deus!

2 - A tua fé é o meu objeto da minha preparação para a reconciliação.

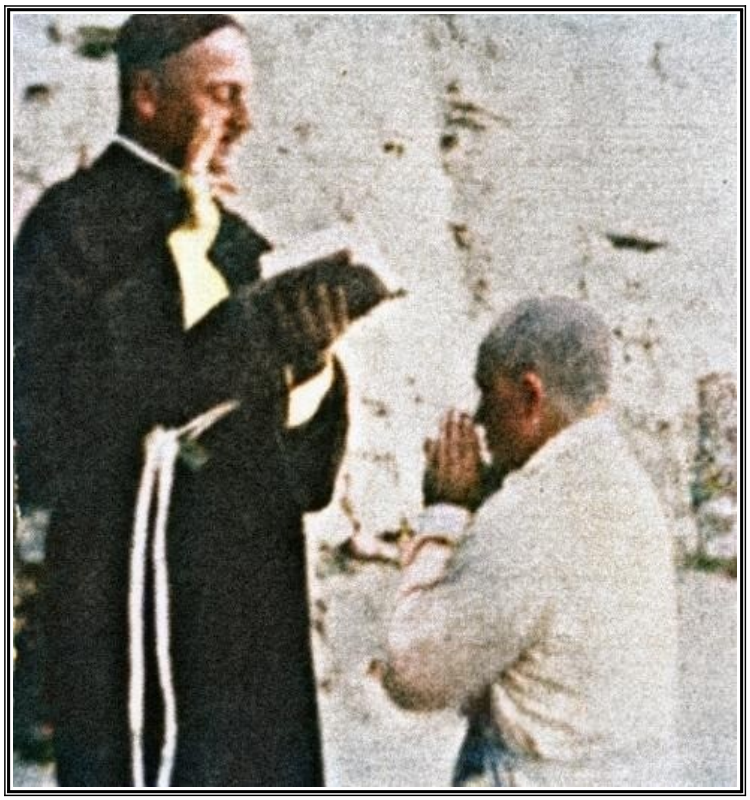
De fascista para fascista.

Acredite em mim seu,

Mussolini".[2]

2 Edda Negri Mussolini, neta de Mussolini, em uma entrevista ao TLV1:
Entrevistador: E eu gostaria de lhe perguntar se é verdade que Dona Raquel (esposa de Mussolini) visitava o Padre Pio e, em uma dessas visitas, ele disse que não era mais necessário rezar por Benito, porque ele não estava no purgatório. Você se lembra desse comentário?
Edda: Sim, sim, eu me lembro. E minha avó (Rachelle, esposa de Mussolini) me contou; ela disse que foi ver o Padre Pio, também porque era muito devota dele e, portanto, perguntou ao Padre Pio justamente sobre isso, e ele disse que o meu avô já não estava mais no purgatório.

Padre Pietro Tacchi Venturi S.J. (1861-1956) – “o homem de preto”



Jesuíta de alta estatura, historiador erudito e especialista reconhecido em história eclesiástica, Pietro Tacchi Venturi atuou nos círculos romanos, onde adquiriu reputação de **diplomata** discreto e habilidoso. **Confessor oficioso de Benito Mussolini**, tornou-se rapidamente o **intermediário privilegiado entre o Duce e os Pontífices Soberanos** Pio XI e Pio XII. Seu papel foi determinante na resolução da Questão Romana, p**reparando nos bastidores os acordos de Latrão** (1929) que selaram a reconciliação entre o Reino da Itália e a Santa Sé.

Declaradamente anti-judaico e firmemente contrário à maçonaria, ele forneceu ao chefe do governo conselhos impregnados do espírito chamado ultramontano, convencido de que o fascismo poderia ser um instrumento providencial de defesa social e religiosa.

Seus contemporâneos viam nele a própria encarnação de um **“fascismo-clerical” assumido**, onde se misturavam a disciplina jesuítica, o domínio dos arcanos curiais e um apoio firme a um

Estado autoritário como barreira contra o liberalismo e a subversão. Tacchi Venturi, a quem se costumava apelidar de "o homem de preto" — à semelhança do **abade Tam, que falava de "*Camicia Nera* em batina prolongada"**! — devido à sua silhueta austera e à presença constante nas antecâmaras do poder, foi ora elogiado como um negociador excepcional, ora criticado **pelo zelo em servir de elo entre o altar e o *fascio***. Até sua morte em 1956, permaneceu uma figura emblemática desses meios eclesiásticos em que a defesa da Igreja se ligava estreitamente aos equilíbrios políticos do *Ventennio fascista*, testemunhando uma época em que Roma, por seus circuitos, pretendia influir no destino da Itália renovada.

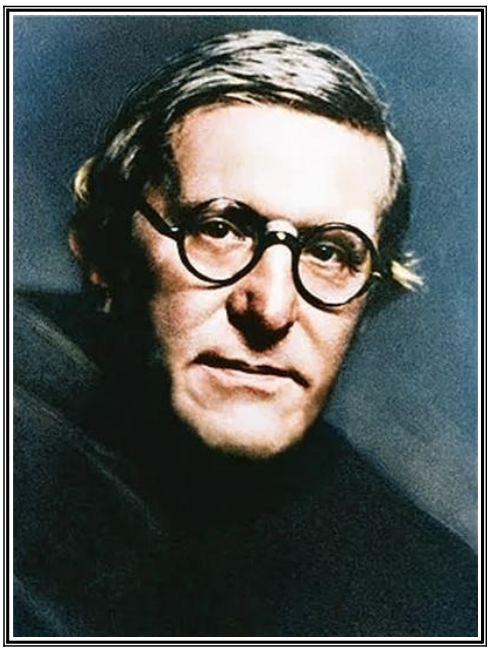
> "…tomei todo o cuidado para não mencionar sequer a ab-rogação total de uma lei que, segundo os princípios e a Tradição da Igreja Católica, contém certamente disposições que convém ab-rogar, mas inclui outras dignas de serem confirmadas." — *Nota informativa do Padre Tacchi Venturi ao cardeal secretário de Estado – Roma, 29 de agosto de 194* (Archivio Segreto Vaticano, ADSS, vol. IX, pp. 458-459). (Regione Toscana)*

> "O Governo entende que esta questão seja resolvida pacificamente, no plano científico e político, […] mediante a aplicação de critérios discriminatórios honestos que o Estado se julga no direito de estabelecer e aplicar. Os judeus podem estar certos de que não sofrerão um tratamento mais severo do que aquele a que foram sujeitos, por séculos, pelos Papas que os receberam." — *Protocolo de acordo Estado italiano – Santa Sé, art. I, § 3; redação e contra-assinatura: Padre Tacchi Venturi, 16 VIII 1938. (La Civiltà Cattolica)*

> "Roma, duplo farol da humanidade, reúne e fraterniza as almas numa doutrina comum mais elevada, conservando a unidade na variedade íntima dos povos: assim foi o Império outrora, assim é agora a Igreja." — *Padre Tacchi Venturi, conferência estenografada,*

ASINSR (Pubblicazioni, b. 38, fasc. 37); reprodução em L'Osservatore Romano, 16 III 1937. (Wikipedia)

Padre Agostino Gemelli O.F.M. (1878-1959) – o franciscano-reitor



Ex-médico militar convertido à fé, ingressou na Ordem dos Frades Menores, Agostino Gemelli foi um dos intelectuais católicos mais influentes da Itália do século XX. Em 1921, fundou a *Università Cattolica del Sacro Cuore* em Milão, instituição dedicada a formar uma elite intelectual e profissional cristã capaz de reorientar as ciências e as letras em conformidade com o magistério. Esse estabelecimento, reconhecido por Pio XI como um **bastião cultural contra a laicização universitária**, permaneceu um dos principais centros de formação católica italiana ao longo do *Ventennio fascista*.

Convencido de que o **corporativismo fascista** oferecia um quadro propício à recristianização das estruturas sociais, Gemelli apoiou várias iniciativas do regime, vendo nelas um instrumento eficaz para **restaurar** a ordem moral e **conter o liberalismo e o comunismo pernicioso**. À frente da revista *Vita e Pensiero*, defendeu com ardor essa visão de uma aliança entre Igreja e Estado ditatorial. Em 1936, **saudou publicamente a conquista da Etiópia como uma "missão civilizadora"** apoiada pela Providência, apresentando até mesmo a guerra como um ato de elevação nacional e de restauração espiritual.

Em 1938, chegou a aprovar, em seus escritos, as **leis raciais fascistas**, considerando que elas participavam de uma "regeneração moral" da sociedade italiana. Essa tomada de posição — que suscitou então pouca **contestação em certos círculos eclesiásticos** — o colocou sem ambiguidade entre os apoios mais notórios e intransigentes do regime dentro da Igreja militante. Até sua morte em 1959, Gemelli permaneceu ao mesmo tempo como reitor emblemático da Universidade Católica e como um dos símbolos de um clericalismo fascistizante, no qual se misturavam apostolado intelectual e engajamento político.

> "É preciso arrancar a Etiópia da funesta heresia eutiquiana e trazê-la de volta à Boa Nova pregada aos abissínios no século IV pelos santos Frumêncio e Édesse: cruzada da Abissínia (1935): 'libertar a Etiópia', antiga terra cristã." — *Padre Agostino Gemelli O.F.M., revista Vita e Pensiero, novembro de 1935, artigo "Giustizia ed espansione"*

> "Enquanto, do lado bolchevique, se alinham traficantes de armas e políticos das frentes populares, eis o Fascismo italiano que, sob a liderança de seu Duce, rompe as hipocrisias diplomáticas e lembra à velha Europa as consequências fatais de seus próprios erros." — *Padre Agostino Gemelli O.F.M., revista Vita e Pensiero, janeiro de 1938, editorial de conjuntura.*

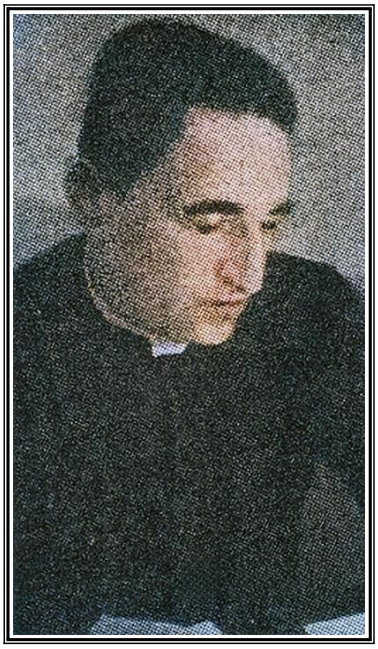
> "Se, com o positivismo, o socialismo, o livre-pensamento e Momigliano, todos os judeus que perpetuam a obra dos judeus que crucificaram Nosso Senhor viessem a desaparecer, o mundo não estaria melhor? Seria uma libertação." — *Padre Agostino Gemelli O.F.M., revista Vita e Pensiero, agosto de 1924, Antijudaísmo militante (necrologia não assinada, paternidade reivindicada em dezembro de 1924)*

> "Na confusão econômica que absorve as nações modernas, o Fascismo mostrou aos italianos que a única arma defensiva é a Autarquia; todo italiano é agora requisitado para assegurar a independência econômica por sua contribuição vital à vida autárquica

da Nação.” — *Discurso de abertura do ano acadêmico, corporativismo, Universidade Católica, Milão, janeiro de 1938.*

“Não precisei elogiar o fascismo, mas reconhecer a bondade de certos decretos e leis; […] essa linha de conduta foi controlada, a cada etapa, por Sua Santidade Pio XI […].” — *Carta privada, arquivos da Universidade Católica, publicada em Aevum, LV (1981): carta a Monsenhor Montini (futuro Paulo VI…), 21 de maio de 1945 (referindo-se à resipiscência…).*

Dom Tullio Calcagno (1899-1945) – o “padre da RSI[3]”



Padre de temperamento ardente e caneta prolífica, Dom Tullio Calcagno foi um dos **eclesiásticos mais intransigentes do período fascista tardio** — deve seu nome a Tullius, do imperador Nero! Pároco e jornalista engajado, **destacou-se por seu estilo combativo e pela convicção de que o fascismo encarnava um instrumento providencial contra o comunismo e a degeneração**. Em 1944, no coração do caos da República Social Italiana, fundou o semanário *Crociata Italica*, órgão violentamente anticomunista e abertamente fascista, que alcançou uma tiragem impressionante de *150.000 exemplares*, ilustrando a audiência popular de suas teses nos últimos meses do regime.

Considerado extremo pela autoridade eclesiástica e acusado de compromisso político excessivo, foi posteriormente suspenso *a divinis* e formalmente **excomungado em março de 1945 pelo cardeal Schuster**. No entanto, essa sanção não quebrou sua lealdade: **permaneceu fiel a Mussolini até o fim e foi capturado e fuzilado pelos partisans ao final da guerra**. Seu destino, trágico e radical, mostra a convergência última entre certo **clericalismo militante e o fascismo crepuscular**, onde o

3 A República Social Italiana, ou RSI, também conhecida como República de Salò, foi um “Estado fascista no exílio” estabelecido por Benito Mussolini na Itália Central e do Norte, nas zonas controladas pela Wehrmacht (Exército alemão), de 23 de setembro de 1943 até meados de abril de 1945.

anticomunismo visceral prevaleceu sobre a prudência eclesiástica voltada à preparação do pós-guerra.

> “Somos católicos, apostólicos, romanos, filhos devotos e membros vivos — ao menos pela batina e pela intenção — da única Santa Igreja; e assim queremos, assim esperamos permanecer, pela graça de Deus, até o túmulo, e depois, para a eternidade, na Igreja triunfante…” — *Padre Calcagno, n.º 1, Cremona, 10 de janeiro de 1944, artigo-programa Dio e Patria.*

> “Nós, Cruzados itálicos, proclamamos alto e bom som: nossa pátria — a única, a verdadeira — é a Itália que, em 22 de maio, selou o Pacto de Aço com a Alemanha… Para nós, Cruzados itálicos, o Rei da Itália será o Cristo e somente Ele, que jamais trai. A Ele e por Ele, ao homem que nos enviou para nos conduzir, Benito Mussolini, obedeceremos até a morte…” — *Padre Calcagno, pronunciamento transmitido desde Salò, novembro de 1944.*

> “Estou persuadido de que Deus concederá a vitória ao Eixo. Ora, a política do Vaticano vai contra a do Eixo. Consequentemente, uma vez que o estrangeiro — ou seja, os anglo-americanos — for expulso, será necessário enviar junto a ele o Papa, os cardeais da Cúria e os demais prelados.” — *Padre Calcagno, editorial, Crociata Italica, outono de 1944, contra os católicos neutros e o inimigo anglo-americano.*

> “Se, na guerra, é permitido matar, também deve ser permitido odiar o inimigo: o ódio é a força moral da arma cristã.” — *Padre Calcagno, folheto La scure alla radice della Royal Oak ossia Guerra di Giustizia, Spoleto, 1942.*

Dom Alfredo Ildefonso Schuster O.S.B. (1880-1954) – o abade que se tornou cardeal

Monge beneditino e erudito “liturgista”, Alfredo Ildefonso Schuster destacou-se inicialmente como abade da prestigiada basílica de São Paulo fora dos Muros, em Roma, antes de ser criado cardeal e nomeado arcebispo de Milão em 1929, no mesmo ano dos acordos de Latrão. Nos primeiros anos de seu episcopado, **manifestou um apoio marcado ao regime mussoliniano**, **vendo nele um restaurador da ordem cristã**. **Benedisse solenemente as tropas italianas e, durante a guerra da Etiópia (1935-1936), saudou a expedição como uma “nova cruzada”, exaltando a “missão de salvação confiada ao Duce” diante de multidões galvanizadas**.

Contudo, o entusiasmo do prelado entrou progressivamente em conflito com as contradições internas do regime: **as leis raciais de 1938 e a aliança com a Alemanha hitlerista o afastaram de Mussolini**[4]. Apesar de suas reservas tardias, **sua imagem pública permaneceu associada aos primeiros anos do fascismo triunfante**, quando seu prestígio espiritual serviu de garantia ao poder temporal, apoiado pelo poder espiritual.

Após 1943, Schuster adotou um perfil menos destacado, tentando conciliar seu passado de apoio ao regime com seu papel religioso de

4 https://archive.org/details/os-ultimos-dias-do-regime-cardeal-ildefonso-schuster

arcebispo, até sua morte em 1954, deixando a imagem de um homem de Igreja dividido entre fidelidade romana e prudência política.

“Que São Bento, portanto, proteja o Duce na missão de salvação que lhe foi confiada.” — *Dom Schuster O.S.B., Arcebispo de Milão, carta de felicitações ao chefe do Governo, festa de São Bento, 21 de março de 1931, Arquivos da cúria milanesa; citado em T. Leccisotti, Il cardinale Schuster, Viboldone, 1969, p. 60. (Iris PDF)*

“A valente tropa que, em fervorosa obediência às ordens da Pátria, abre as portas da Etiópia à Fé e à civilização romana.”

“Coopere, portanto, com Deus nesta missão nacional e católica de bem; sobretudo neste momento em que, sobre as planícies da Etiópia, o estandarte da Itália carrega em triunfo a Cruz de Cristo, quebra as correntes dos escravos, prepara os caminhos para os missionários do Evangelho!”

“Paz e proteção ao exército valoroso que, em intrépida obediência ao comando da Pátria, abre as portas da Etiópia à Fé católica e à civilização romana.” — *Dom Schuster O.S.B., Arcebispo de Milão, homilia de 28 de outubro de 1935 (aniversário da marcha sobre Roma), catedral de Milão; texto integral: Il dovere civile dei cattolici, Annuario Cattolico Italiano, XV (1936-1937), p. 81. (Mantello della Giustizia)*

“Nasce lá fora e espalha-se uma espécie de heresia que… encarna no sangue humano os conceitos espirituais de indivíduo, de Nação e de Pátria; é o que se chama racismo, perigo não menor do que o próprio bolchevismo.” — *Dom Schuster O.S.B., Arcebispo de Milão, homilia Un’eresia antiromana, primeiro domingo do Advento ambrosiano, 13 de novembro de 1938, Duomo de Milão; publicada em L’Italia, 15 de novembro de 1938, p. 1.*

Dom Enrico Pucci (1884-1962) – o chefe da imprensa vaticana sob vigilância

Figura discreta, mas estratégica, Enrico Pucci foi nomeado **responsável pelo serviço de imprensa do Vaticano** em 1927, função crucial numa época em que a Santa Sé buscava consolidar sua imagem pública. Por trás de seu papel oficial, levou uma vida política e religiosa à semelhança de Dom Benigni: como **informante remunerado da OVRA — a chamada polícia política fascista —, entregava regularmente às autoridades relatórios confidenciais, especialmente sobre a Ação Católica, certos círculos eclesiásticos considerados suspeitos e opositores internos ao regime**.

Todas as manhãs, Pucci r**ecebia da Secretaria de Estado a linha editorial desejada por Pio XI**, que transmitia fielmente aos órgãos de imprensa, ao mesmo tempo em que comunicava paralelamente seu teor à polícia política. Após a chamada Libertação, os arquivos da OVRA revelaram publicamente seu nome entre os agentes remunerados, provocando um **escândalo discreto** rapidamente abafado pela Cúria romana. **Afastado de suas funções em 1946, sem, no entanto, sofrer sanção canônica**, terminou seus dias em quase anonimato, sendo um exemplo singular de um eclesiástico que navegava entre os palácios apostólicos e os serviços do Estado fascista.

> “O Duce, homem da Providência, devolveu à Cruz seu lugar no espaço público; as polêmicas dos supostos ‘democrata-cristãos’ não passam de um canto do cisne.” — *Transcrição conservada no Fundo Pucci, Archivio della Radio Vaticana, rolo RV-88/1938, min. 12-13. (Internet Archive)*

> “Os interesses supremos da Religião e da Pátria exigem que o Rev. Padre Luigi Sturzo se retire sem demora da arena política, a fim de não fornecer pretexto aos adversários da Santa Sé nem obstáculo à obra providencial do Governo do Duce.” — *Dom Enrico Pucci, Corriere d’Italia, 12 de julho de 1923, p. 1. (Internet Archive)*

“Tenho a honra de informar que o cardeal Secretário de Estado pretende reforçar a vigilância sobre a Ação Católica; teme-se a infiltração de elementos ‘populares’ suscetíveis de minar a concordância com o Governo fascista. Enviarei, conforme combinado, a lista dos padres recalcitrantes.” — *Dom Enrico Pucci, relatório autógrafo, nº 96/1, dirigido a Bocchini (OVRA), 14 de outubro de 1927, Archivio Centrale dello Stato, MI-DGPS, pasta 82, fasc. 11. (Storia In)*

“Segundo fontes internas da Secretaria, Pio XI aprova a expedição à Etiópia como ‘nova cruzada’ contra as heresias coptas; é conveniente aproveitar a ocasião para exaltar a imagem católica do Regime.” — *Dom Enrico Pucci, boletim confidencial ditado por Pucci ao agente Bice Pupeschi (“Diana”), 30 de outubro de 1935, reproduzido em P. L. Guiducci, La rete dell’OVRA in Vaticano, Storia in Network, 1º de setembro de 2020. (Storia In)*

“O requerente jamais foi confidente da OVRA, ou ao menos não exerceu qualquer atividade de informação política em benefício do regime fascista.” — *Gazzetta Ufficiale della Repubblica Italiana, 17 de janeiro de 1947, nº 13, p. 147 (memória de Enrico Pucci, processo nº 424/46). (gazzettaufficiale.it)*

Giovanni Preziosi (1881-1945) – do sacerdócio ao racismo de Estado

Ordenado padre em 1904, Giovanni Preziosi foi reduzido ao estado laical em 1911 devido a conflitos disciplinares e iniciou uma *carreira jornalística* marcada por uma **hostilidade virulenta ao liberalismo e ao judaísmo**. Em 1918, fundou a revista mensal La Vita Italiana, que se tornou um cadinho ideológico do **nacionalismo católico radical** e introduziu na Itália a noção de "conspiração judaico-maçônica" — à semelhança de Mons. Ernest Jouin na França ou no Vaticano. Nela, difundiu a circulação dos Protocolos dos Sábios de Sião, contribuindo para a propagação de um antissemitismo doutrinário que misturava religião e política.

Fascista da primeira hora, entrou em **conflito com os hierarcas do P.N.F. na década de 1920, o que o marginalizou temporariamente**. No entanto, após 1938 e a promulgação das *leis raciais,* recuperou crescente influência: em 1944, **a RSI nomeou-o Inspetor-Geral da Raça**, função na qual **trabalhou pela aplicação rigorosa das leis de Nuremberg** na península — particularmente em relação à raça ariana e aos judeus. Em abril de 1945, sendo perseguido em Milão, suicidou-se juntamente com sua esposa, deixando uma carta no estilo "Samurai", na qual afirmava ter "dado tudo pela grandeza da Pátria".

> "Dizer hoje que a 'questão judaica na Itália pode ser considerada resolvida' equivale a 'esconder as feridas'; mais cedo ou mais tarde

essas feridas se tornarão gangrena, e a obra daqueles que as ocultaram aparecerá pelo que realmente é: uma traição (…) A presença israelita continua sendo 'o verdadeiro cavalo de Troia na cidade sitiada'." — *Giovanni Preziosi, "Per la soluzione del problema ebraico", La Vita Italiana, vol. LX, n.º 354, 15 de setembro de 1942, pp. 221 sqq. (citado pelo autor em carta ao Duce de 31 de janeiro de 1944). (SOCIALE)*

"O fascismo tem apenas um verdadeiro e grande inimigo: o judeu/hebreu, e com ele seu principal instrumento, a judaico-maçonaria. A judaico-maçonaria domina toda a vida nacional; é o verdadeiro governo da Itália." — *Giovanni Preziosi, Carta a Benito Mussolini, Munique, 31 de janeiro de 1944, Hotel Vier Jahreszeiten. (SOCIALE)*

"A primeira tarefa é… a eliminação total dos judeus, começando por aqueles — e eles já são numerosos — que foram identificados como tais pelo recenseamento de agosto de 1938; depois, perseguir os demais, mais ou menos batizados ou 'arianizados'; finalmente, excluir das Forças Armadas, da Justiça, da Educação, do Partido, todos os mestiços, os cônjuges israelitas e qualquer um que possua gotas de sangue judeu." — *Giovanni Preziosi, Carta a Benito Mussolini, 9 de dezembro de 1943 (reprise e desenvolvida na carta de 31 de janeiro de 1944); arquivo ACS, RSI-SPD, CR 1943-45, b. 24, fasc. 166. (Academia)*

Don Guicciardo Sassoli de Bianchi Strozzi (ativo 1919-1928) – o empreendedor de *Fede e Ragione*

Proveniente de **uma antiga família nobre florentina**, **mestre em teologia** e dotado de sólida cultura clássica, Don Guicciardo Sassoli fundou em 1919 o semanário **Fede e Ragione**, no qual também colaborou Mgr Benigni. Este jornal se propunha a ser a **voz de um catolicismo integral**, intransigente e decididamente anti-liberal, **mobilizando referências tomistas para se opor à modernidade democrática, inclusive à democracia-cristã de Don Sturzo**. Nele, **defendia a ideia de uma aliança entre Igreja e Estado forte**, condição necessária para o reerguimento moral e social da Itália.

Em 1924, ele ingressa no *Centro Nazionale Italiano*, primeiro grupo explicitamente qualificado como "**clérico-fascista**", convocando Mussolini a selar um pacto com a Santa Sé, elevando o conflito do **Risorgimento** a um desfecho superior. *Fede e Ragione* apoiava a **pacificação enérgica promovida pelo regime e difundia, como cruzado, um antijudaísmo** fundamentado em argumentos teológico-políticos. Mas, em 1928, Pio XI condenou o Centro e advertiu os órgãos católicos à prudência, levando à tutela da revista. **Don Sassoli então desapareceu dos radares,** enquanto alguns pesquisadores mencionam o papel de seu primo Filippo Sassoli de Bianchi, mecenas do empreendimento editorial, nesse efêmero circuito clérico-fascista.

> "Nós somos, em primeiro lugar, puramente e integralmente católicos; (…) reconhecemos o pleno direito da doutrina, da disciplina e das diretivas da Igreja não apenas sobre o indivíduo e nas questões estritamente religiosas, mas também sobre a sociedade. (…) Seremos, portanto, adversários declarados e irreconciliáveis de toda forma de liberalismo, aquele mesmo que recusa os direitos soberanos de Deus, de Cristo e da Igreja… " (ResearchGate)

> "Nós professamos um catolicismo integral; a Igreja, guardiã da Verdade, possui pleno e total direito não apenas sobre as almas, mas sobre toda a ordem social. Daí nossa inimizade irreductível contra

todo liberalismo que desconhece a realeza de Nosso Senhor.” — *Anônimo (rubrica “Il nostro periodico”), Fede e Ragione, n° 1, Fiesole, 1-15 dezembro 1919, p. 4 e 17.*

Carta aberta ao Duce (11 de novembro de 1928)

“Católicos independentes de qualquer partido, sempre nos opusemos, segundo a política católica, a esse heterogêneo bolchevismo branco, vermelho e verde, nascido dos destroços da guerra e nutrido pelas ideologias do judaísmo revolucionário, o qual ameaçava arrastar a Itália à ruína ; (…) considerando a providencialidade do movimento fascista, aderimos, em julho de 1923, ao Governo nacional.” (Sodalitium) — *Redação de Fede e Ragione, « Sulla soglia dell’anno VII. Lettera aperta all’on. Mussolini », 11 de novembro de 1928.*

Sátira dos “clérigos a soldo” (23 de novembro de 1924)

“Jamais diremos aos católicos, como os rastejantes do Centro Nazionale: batam palmas até – aos espirros do Duce: não! Não!” (Sodalitium) — *“Politicus”, La settimana politica, Fede e Ragione, 23 de novembro de 1924.*

O cinema, “indústria judaica de corrupção” (24 de março de 1924)

“O único meio de neutralizar os perigos do cinematógrafo é opor-se a ele por meio do boicote, fazendo conhecer como o cinema é a maior indústria, nas mãos do judeu, para a corrupção da cristandade.” (ResearchGate) — “Fidelis”, *Il Re dei Re… (continuazione)*, Fede e Ragione, 24 de março de 1924.

Mons.Angelo Bartolomasi, Arcebispo Militar

Responsável por escrever a oração dos camisas negras:

“Príncipe da Milícia Celeste, tu que expulsaste do céu e lançaste no abismo infernal os espíritos que se rebelaram contra Deus.

Mantém nossa alma fiel a Deus e à Milícia Fascista, mantém nosso braço forte contra os inimigos da Pátria e contra aqueles que se rebelam contra suas leis e contra a ordem desejada pelo Duce na Nação.

São Miguel, derrotador de Satanás, protege-nos, para que sejamos Soldados de Cristo, Soldados do Duce, sempre vitoriosos em todas as batalhas pela segurança e grandeza da Pátria neste mundo e pela conquista da glória na Pátria celestial. Amém”.

(Para os Soldados, indulgência de 100 dias † Angelo Bartolomasi, Arcebispo Militar).

Padre Eusébio[5]

Em 3 de julho de 1913, nasceu em Montecelio,(Roma) Sigfrido Eusebio Zapattereni, conhecido como Padre Eusebio, **o frade confessor do próprio Mussolini**.

Eusebio ingressara muito jovem no seminário e, ordenado sacerdote, escolheu a ordem dos frades menores. Distinguiu-se imediatamente por sua oratória, a grande capacidade de falar em público e de se fazer ouvir. Era dotado de uma voz possante e de uma dialética formidável, que, unidas à força física, à garra e a um vigor pouco comuns, fizeram dele em pouco tempo um pregador muito seguido.

Logo notado e indicado como idôneo para o papel de capelão militar, Padre Eusebio, durante a Segunda Guerra Mundial, foi enviado à Grécia, à Iugoslávia e à Rússia.

5 https://archive.org/details/padre-eusebio-uma-pequena-biografia_202602

Durante 1942 manteve, pela “Rádio Liubliana”, uma série de transmissões nas quais, com sua inconfundível arte oratória, ilustrava as páginas do Evangelho.

A fé de um homem, inclusive de um homem da Igreja, não é apenas oração, mas se evidencia na maneira como se coloca diante da vida, das dificuldades, e em como enfrenta com coragem os acontecimentos.

Ele era um combatente, não um traidor, e em 8 de setembro de 1943, encontrando-se na França, uniu-se aos homens do Capitão de Corveta Enzo Grossi que, na base de Bordeaux (Betasom), prestaram juramento de fidelidade ao aliado germânico. Antes de retornar à Itália, deteve-se na Normandia, na região de Tours, onde favoreceu o alistamento de muitos voluntários italianos na 17ª SS Panzer-Grenadier-Division “Gotz von Berlichingen” e voltou novamente à França em 28 de junho de 1944, em Lyon, para tratar da constituição de um batalhão de 500 homens de SS Italianas sob o comando do major Marenghi.

Passou-se mais de um século desde o seu nascimento e este aniversário passa todos os anos sob silêncio; desse sacerdote que fez parte das SS Italianas, que vestiu a batina e a camisa negra com igual valor, ninguém fala, poucos se lembram.

Na Itália, durante os meses da RSI, manteve contatos com Roberto Farinacci e executou um intenso programa de discursos realizados em todas as partes do Norte. Falou em toda parte, incansável, a praças lotadas e aplaudentes; em uma fotografia muito bela, talvez a mais famosa, vê-se ele sobre um palco, com seu hábito de frade, sob a bandeira da República Social, arengando a multidão acorrida em massa, e ao observá-lo consegue-se imaginar, quase sentir, a sua voz forte e vibrante. Em suas intervenções, Padre Eusebio, embora a guerra estivesse próxima do fim, falava de Badoglio como a personificação de Judas Iscariotes, que traíra a sua Pátria e apunhalara pelas costas os alemães aliados fiéis, cobrindo de lama e vergonha um povo “proteso para um destino bem diverso”; recordava como o exemplo da reação fora dado pelos primeiros soldados da República que, no Vallo Atlântico, ao lado dos camaradas germânicos, demonstraram que “a verdadeira Itália jamais capitulou, que a Itália de

Mussolini é uma bandeira que sempre tremulou, uma chama que nunca deixou de arder(...) Os caídos pedem hoje aos armados da República um ato de fé, uma última suprema prova de amor pátrio, e é certo que os jovens protesos para o combate responderão como um só homem ao imperativo dos mortos. A advertência da hora é: Crer, Obedecer e Combater, crer no destino da Pátria, obedecer ao verbo de Mussolini, combater sob as ordens de Graziani....". E irritava-se contra quantos aguardavam a chegada dos Aliados, e não deixava de irromper em insultos antijudaicos. Insistia que somente no Duce e no Führer se via a possibilidade de instaurar uma nova e mais alta justiça social. Apesar de sua posição oficial, empenhou-se ainda assim em pôr a salvo diversos sacerdotes perseguidos pelos alemães e alguns jovens renitentes. Em 24 de abril de 1945 proferiu o seu último e corajoso discurso na centralíssima Galleria de Milão e, em 26 de abril, foi preso na Prefeitura juntamente com o Dr. Cantagalli, expoente do P.F.R. Durante o processo em Milão, perante a Corte de Assise Extraordinária, defendeu-se com o habitual coragem, mas foi condenado a 20 anos de reclusão. Anistiado, saiu da prisão e partiu como missionário para a América do Sul, para nunca mais retornar.

Levou a sua obra entre os pobres de Buenos Aires e junto ao grande "Sanatorio Municipal" da capital argentina, onde morreu em 1985.

Padre Eusebio encarnou até o fim o camaradismo corajoso e fraterno, vestindo a sua dupla farda, e quero recordá-lo hoje com a frase de Brasillach: "O camaradismo é o fruto mais belo da dor dos homens. Nasce no combate, na guerra, nasce na prisão. Não nasce, para ser preciso, das ideias. Ou melhor, as ideias só adquirem peso e valor quando são claramente encarnadas nos corpos humanos, quando são vividas por camaradas. Nós teremos conhecido esse privilégio".

Conclusão

Esses esboços mostram a variedade de motivações segundo as diferentes fases descritas: zelo doutrinal (Benigni), piedade de ordem (Padre Pio), promoção e ação (Pucci), doutrina racial (Preziosi) ou cruzada antimodernista (Sassoli). Todas ilustram, cada uma à sua maneira, a imbricação — às vezes precária, às vezes estável — entre o catolicismo intransigente e a política fascista na Itália do Ventennio.

Assim, surgem as linhas gerais e abundam os pontos comuns: redes de contato a serviço do Trono de Pedro, rosto corporativo, colaboração policial, constante antimaçonaria, etc.

Esse fenômeno, real, não implicaria, entretanto, a existência caricatural e gnóstica de uma “Igreja fascista”. Ele testemunha, antes, uma conjunção social em que o altar e o feixe se abraçaram, sem se confundir, à semelhança das Ordens natural e sobrenatural.

"O regime fascista, superando nisso, como em todos os outros campos, as pré-condições do liberalismo, **repudiou assim tanto o princípio do agnosticismo religioso do Estado quanto o de uma separação entre Igreja e Estado**, tão absurda quanto a separação entre espírito e matéria. Com profunda fé na missão religiosa e católica do povo italiano, o Governo Fascista procedeu metodicamente, com uma série de atos administrativos e de medidas legislativas, **a restituir ao Estado e à Nação italiana aquele caráter de Estado católico e de Nação católica que a política liberal se havia esforçado, durante longos anos, por apagar**." - Carta a Alfredo Rocco, 4 de maio de 1926, Benito Mussolini

"O estado fascista não é indiferente ao fato da religião em geral, nem àquele crer particular e positivo que é o catolicismo italiano. O Estado não professa teologia, mas moralidade, e **no estado fascista a religião é considerada uma das mais profundas manifestações do espírito humano, portanto, ela não é apenas respeitada, mas também defendida e protegida.** O Estado fascista nunca tentou criar seu próprio

Deus, como em certo momento Robespierre e os mais radicais extremistas da Convenção tentaram fazer; **nem tentou vaidosamente eliminar a religião dos corações dos homens, como faz o bolchevismo:** o fascismo respeita o Deus dos ascéticos, dos santos e heróis, e igualmente, Deus tal como é percebido e adorado pelo povo simples.” — Benito Mussolini, *The Political and Social Doctrine of Fascism* (1934), p. 25